

PERSONAS DE UM FERREIRO – UMA ANÁLISE ACERCA DA PERSONAGEM DO CONTO COMO SE MOESSE FERRO DE ALTAIR MARTINS

LUANA DE CARVALHO KRÜGER¹;
CLAUDIA LORENA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – luana-kruger@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– bjk@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho¹ propõe uma análise crítica acerca da personagem protagonista do conto *Como se Moesse Ferro* de Altair Martins (2002), tendo como base para tal discussão o conceito de *Persona* do psicanalista Carl Jung. Tal conceito nos permitir compreender os diferentes modos de agir e de ser de um indivíduo em diferentes situações cotidianas.

Entendemos que os indivíduos se adaptam a diferentes situações para serem aceitos pela sociedade, para parecerem semelhantes aqueles que têm contato. É possível, portanto, possuir várias *personas*, uma para cada momento, onde o indivíduo é um pouco ele, um pouco *outro-ele*.

Ao longo da narrativa a personagem protagonista mantém uma característica forte, que se manifesta em todas as suas nuances e, além disso, parece mantê-la “imoldável”. A personagem é “*um homem que batia ferro como se moesse (...)*” (MARTINS, 2002, p. 11) sempre alguma coisa que por mais diferente que seja, ainda assim, é batida por ferro. São justamente essas frases que permitem a linearidade e o ritmo da narrativa, de maneira que a cada batida do ferro percebemos as mudanças das *personas* da personagem.

2. METODOLOGIA

Tratando de alguns aspectos formais desse conto, podemos classificar o narrador como heterodiegético². As personagens do conto são: o ferreiro, a esposa do ferreiro e o ourives. Segundo Braith (1985), podemos classificá-las como: o protagonista, uma personagem redonda; a esposa do ferreiro e o ourives, personagens secundários no conto.

Quando discutimos as *Personas* pensamos na adaptação a situações distintas e que exigem que cada indivíduo atue de maneira diferente, tal atitude está diretamente ligada ao meio social em que vivemos. Jung (2008), diz:

“Ao analisarmos a *persona*, dissolvemos a máscara e descobrimos que, aparentando ser individual, ela é no fundo coletiva; em outras palavras, a *persona* não passa de uma máscara da psique coletiva. No fundo, nada tem de *real*; ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que ‘alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo’”. (JUNG, 2008, p. 43).

¹ Trabalho primeiramente desenvolvido na disciplina de Crítica Literária do curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas 2013/02.

² Classificação de Genette. O autor apresenta três definições acerca do tipo de narrador em uma obra, estas são: heterodiegético, homodiegético e autodiegético. Essas definições podem ser encontradas no livro “O Foco Narrativo” de Ligia Chiappini Moraes Leite.

Em outras palavras, um *outro-eu* que permite que possamos manter relações com os outros, mesmo que para isso tenhamos que nos 'moldar'. O psicanalista apresenta, ainda, o conceito de *Persona Rígida* onde temos máscaras que representam a subjetivação da resistência. Neste caso, a máscara de ferro é criada pelo hábito e se forma pela crença de que não devemos mudar.

Temos no conto de Altair Martins (2002), a história de um homem ferreiro. Tal narrativa permite um ritmo de batidas de ferro durante a leitura que ao aproximar-se do clímax parecem ficar aceleradas. A personagem protagonista é calada, um homem que fala, mas prefere o silêncio e quando fala sua voz é tão forte que permanece durante certo tempo entre os moradores do local. Vive em um vilarejo, que posteriormente, com a chegada do ouro torna-se uma cidade interiorana, no entanto, prefere ficar sozinho. O homem que prefere a solidão, mas se casa e gosta da sua mulher.

Percebemos no conto uma característica da *persona rígida* que faz a personagem, apesar das várias formas de agir, não se adaptar por inteiro. Desta maneira, o ferreiro assume várias máscaras cotidianas, mas ainda tem por baixo dessas, uma máscara de ferro que bloqueia as suas ações e que não o faz se renovar a cada emoção. Identificamos no ferro, a resistência.

O ferro é a parte material da personagem, é o que constrói, define e individualiza a personagem protagonista das outras personagens do conto. O ferro e todas as características que são atribuídas ao material. Essa máscara de ferro parece bloquear a manifestação de sentimentos, falas e expressões da personagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As *personas* da personagem se completam e se misturam. No entanto, diferente do que se espera de uma *persona*, a adaptação ao meio coletivo, ao social não acontece com a personagem em virtude de esta possuir uma *persona rígida*. Além disso, em cada *persona* tem a *persona rígida* definida. O ferro esta em toda narrativa como parte da personagem. No entanto, podemos perceber que a *persona rígida* desse ferreiro, no que tange a narrativa, vai derretendo, se dissolvendo em outras *personas* possíveis.

“Com o tempo, a mulher descobriu que ele era um homem maleável. Que por mais que fosse quadrado, ele sabia como conduzir as coisas. Ela percebera que ele tinha mãos como tenazes, e não se importou. Ele tinha lábios em mó, e ela não se importou. Ele tinha os olhos em seda surpreendente, e por isso ela não deixou de se importar.” (MARTINS, 2002, p. 14).

Percebemos que a personagem através dos olhos mostra esse *outros-eus*. Os olhos de seda da *persona rígida*, o maleável do ferro, se transparecem.

Com a chegada do ouro e o início da amizade com o ourives que a estabilidade da vida da personagem deixa de existir. O ferreiro, que confiou na amizade do ourives, passa a moer as mãos, seu instrumento de trabalho, pois é traído por ele e pela esposa. A chegada do ouro na cidade e na casa do ferreiro é a destruição do seu trabalho e da sua família estável. Com o tempo o ferreiro “bateu ferro como se moesse moscas” (MARTINS, 2002, p. 16), e enquanto todos sabiam da traição ele batia o ferro sem saber de nada. Quando descobriu a traição, a personagem “bateu ferro como se moesse manteiga” (MARTINS, 2002, p. 17), o ferreiro ficou quente, feriu o ourives e

deixou-os sozinhos.

Nesse momento da narrativa fica evidente que a *persona rígida* do ferreiro era um bloqueio, ou ainda, um lugar para se manter confortável e afastado de tudo que o incomodava, mas que foi dissolvido quando algo maior e que exigia dele uma postura que iria além daquele de bater ferro – pacata, silenciosa – que o fez se impor, que o feriu. A personagem, mesmo tentando voltar a seu estado de conforto, volta a bater o ferro, já havia quebrado por ela mesma a sua estrutura. A linha tênue entre as *personas* e a *persona rígida* foi rompida neste instante da narrativa.

Uma vida inteira que não podia ter sido outra, senão a de bater o ferro, e que com isso fez a personagem se esconder dentro de uma máscara onde nada poderia atingi-lo, onde estava protegido do que vinha de fora. O comportamento regrado, monótono deixou de existir. Ou seja, a *persona rígida* do ferreiro não foi rígida o suficiente para que conseguisse passar por todas as dificuldades, justamente porque a *persona rígida* nos coloca em uma zona de conforto limitadora. Somente as *personas*, nos permitem ser moldáveis, maleáveis o suficiente para ser um *outro-eu* possível em outras situações.

4. CONCLUSÕES

É possível perceber a partir da discussão proposta acima que as máscaras contém rachaduras. Um pouco do eu e um pouco do *outro-eu*. Quando assumimos essas *Personas* agimos de forma involuntária, não definimos aquilo que vamos ser em cada momento. Tal narrativa nos permite compreender essa relação entre as nossas *personas* a partir da uma “materialidade alegórica” daquilo que somos nesses diferentes momentos, além disso, mistura a *persona rígida* com as *personas* que se manifesta na repetição e assimilação do ferro na personagem.

O interessante da discussão que pode ser estabelecida a partir do conto analisado é que a *persona rígida* é falha, embora a princípio pareça o mais fácil a seguir. No entanto não há como saber detalhes de suas *personas* e é, justamente esses detalhes que nos permitem agir de um modo um pouco diferente, no entanto, inclassificável.

O ferreiro a todo instante assumia uma outra *persona* além de sua *persona rígida* para “ser”. Ora calado, rude, ora doce, com olhos de seda, ora quente e bravo, etc. Somente a *persona rígida* não permitiria tais ações no ferreiro, e o momento em que ele foi só *persona*, ele foi mais que um homem que batia ferro como se moesse algo. Nesse momento a personagem foi um pouco um ferreiro, um pouco *outro-eu* indefinível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). São Paulo: ática, 1985. Série Princípios.

MARTINS, Altair. **Como se Moesse Ferro**: contos. Porto Alegre: WS Editor, 2002, pág. 11 – 20.

SAIANI, Cláudio. A persona e a sombra. In: SAIANI, Cláudio. **Jung e a Educação – uma análise da relação aluno/professor**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000. Cap. 2, p. 65 – 71.

SANFELICI, Agnes. **Armadura de Ferro: fragmentos de solidão**. Nau Literária. Porto Alegre. Vol. 02 N. 01 – jan/jun 2006.